

OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UMA EQUIPE DE FUTEBOL FEMININO NO CEARÁ: FORMAÇÃO ESPORTIVA

Ana Batista¹, Otávio Nogueira Balzano¹, João Alberto Steffen Munsberg²

RESUMO

O Brasil é conhecido mundialmente como “país do futebol”. Todavia, a modalidade ainda não se apresenta de forma igualitária entre os gêneros e acaba por desprestigiar o futebol de mulheres. Esta pesquisa tem como objetivo central analisar os fatores relevantes na formação esportiva inicial das atletas de uma equipe de futebol feminino no Ceará. Em termos metodológicos, realizamos uma abordagem qualiquantitativa, analisando as respostas a um questionário focado na temática da formação esportiva no futebol feminino, aplicado a 20 atletas profissionais de um clube cearense. Em relação aos resultados, observamos que de forma expressiva as atletas começaram a jogar bola na rua, seguido de em casa e no colégio. Começaram a ter treinos regulares da modalidade em clubes de futebol e, também, em escolinhas. 80% afirmam terem praticado outro esporte além do futebol, sendo o mais expressivo o futsal. Ainda na formação esportiva, 40% das jogadoras atribuem mérito próprio para o ensino da modalidade futebol e 60% delas atribuem maior apoio/motivação em relação à prática ao um membro da família, como os pais. Considerando os resultados obtidos neste estudo, podemos concluir que, apesar dos avanços, o futebol feminino ainda tem muito a evoluir, principalmente se comparado a categorias de base do futebol masculino. Os achados desta pesquisa podem ser utilizados por órgãos responsáveis pela modalidade a fim de estimular a presença de novas gerações no esporte, visando o crescimento e aperfeiçoamento da modalidade no estado do Ceará e até no país.

Palavra-chave: Futebol feminino. Formação esportiva. Iniciação esportiva.

ABSTRACT

The challenges faced by a women's football team in Ceará: sports training

Brazil is known worldwide as the 'country of football'. However, the sport is still not played equally between the sexes and women's football ends up being discredited. The main aim of this research is to analyse the relevant factors in the initial sports training of players from a women's football team in Ceará. In methodological terms, we took a qualitative-quantitative approach, analysing the answers to a questionnaire focused on the theme of sports training in women's football, applied to 20 professional athletes from a club in Ceará. The results show that the players started playing football in the street, followed by at home and at school. They began to train regularly in the sport at football clubs and also at schools. 80% said they had played another sport apart from football, the most significant being futsal. Still on the subject of sports training, 40% of the players attribute their own merit to being taught the sport of football and 60% of them attribute greater support/motivation to practice to a family member, such as their parents. Considering the results obtained in this study, we can conclude that, despite the progress made, women's football still has a long way to go, especially when compared to men's football. The findings of this study can be used by organisations responsible for the sport to encourage new generations to take part in the sport, with a view to growth and improvement.

Key words: Women's football. Sports formation. Sports initiation.

1 - Universidade Federal do Ceará-UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil.

2 - Universidade La Salle-UNILASALLE, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail dos autores:

aanabeatrizcvb@gmail.com

otaviobalzano@yahoo.com.br

prof.jasm@gmail.com

INTRODUÇÃO

A temática deste estudo se justifica no anseio de falar, divulgar e dar voz ao futebol feminino brasileiro - mais especificamente ao futebol feminino cearense e às atletas de futebol cearense -, principalmente em relação ao fator preconceito, que ainda permanece em pleno século XXI.

É inegável que o Brasil tem o futebol como uma das modalidades esportivas mais populares e praticadas no país, sendo conhecido mundialmente como “país do futebol”. Porém, apesar desse reconhecimento, a modalidade ainda não se apresenta de forma igualitária entre os gêneros e acaba por desprestigiar o futebol de mulheres.

Apesar de o número de mulheres ter aumentado na prática de esportes, especificamente no futebol, o cenário ainda continua crescendo de forma lenta e sem grandes investimentos (Barreira e colaboradores, 2018; Pires e Carvalho, 2019).

Assim, a modalidade continua afastando as mulheres que praticam futebol e contribuindo para a hegemonia do público masculino (Gavião, Ilha e Falcão, 2018).

Segundo Barreira e colaboradores (2018), a modalidade feminina no Brasil é marcada por diversos preconceitos e desafios que precisam ser vencidos. Esses acontecem principalmente por meio de discriminações, estereótipos e preconceitos em relação às questões de gênero e sobre a dúvida se mulheres podem de fato desempenhar a prática do futebol, modalidade majoritariamente masculina (Viana, 2008).

Para Goellner (2021), esses desafios fazem com que a mulher ainda tenha que se provar capaz de praticar a modalidade e de desconstruir essa representação do sexo feminino ser incapaz de praticar a modalidade e assumir seu protagonismo.

O cenário do futebol feminino cearense não é tão diferente do que ocorre no país, visto a baixa existência de competições, o acanhado número de equipes nas competições, a pouca divulgação na mídia da modalidade e a infraestrutura precária para sua prática. Atualmente, apesar de uma maior facilidade para a entrada da mulher no esporte, e no futebol, ainda existem barreiras que tornam o avanço da modalidade para mulheres difícil

(Gavião, Ilha e Falcão, 2018; Salvini e Marchi Júnior, 2016).

O fato da modalidade para o público feminino não ter a mesma visibilidade midiática, incentivo, estrutura e apoio institucional são apenas algumas das barreiras que têm contribuído para esse avanço lento da modalidade no país (Pires e Carvalho, 2019).

A pouca divulgação – de campeonatos e mídia em torno do futebol feminino – resulta nele ser menos visto. A consequência disso se reflete nos baixos salários e na marginalização da modalidade destinada a mulheres, bem como no pouco reconhecimento da prática feminina no país (Januário, 2017).

Diante do exposto, nosso estudo pretende responder à seguinte pergunta: Quais são os fatores relevantes na formação esportiva inicial das atletas de uma equipe de futebol feminino no Ceará?

O texto está estruturado em quatro tópicos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro tópico trazemos uma contextualização teórica sobre o futebol para mulheres brasileiro e cearense. No segundo abordamos a iniciação esportiva do futebol feminino. No terceiro, apresentamos as decisões metodológicas da pesquisa. No quarto, analisamos os resultados obtidos a partir das respostas das participantes às perguntas sobre a temática.

Esta pesquisa tem como objetivo central analisar os fatores relevantes na formação esportiva inicial das atletas de uma equipe de futebol feminino no Ceará.

Entendemos ser importante estudar, pesquisar e aprofundar o conhecimento sobre o futebol feminino no Brasil - e em específico no estado do Ceará -, na perspectiva de que a modalidade seja mais compartilhada e divulgada, conquistando, assim, mais espaços e a equidade tão almejada.

Logo, esse estudo busca contribuir para a pesquisa no âmbito do futebol para mulheres no país e do desenvolvimento da modalidade no estado do Ceará.

FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E CEARÁ

A participação da mulher brasileira no esporte compreende diversos marcos históricos. Em 1941, 83 anos atrás, tem registro

a respeito da proibição¹ do sexo feminino praticar determinadas modalidades esportivas, dentre as quais o futebol. Além do decreto do Conselho Nacional de Desportos (CND), essa vedação se intensificou no ano de 1965, período da ditadura militar, com a criação de uma deliberação que era composta por instruções desportivas sobre a prática do desporto pelas mulheres, a Deliberação CND, nº 7/65.

Assim, mulheres não eram autorizadas a participar de práticas desportivas relacionadas a lutas no geral ou qualquer que fosse o esporte coletivo de contato, como futebol de salão ou futebol de campo. Esse decreto persistiu até 1979. Porém, a permissão para a prática da modalidade pelo público feminino só foi autorizada de fato em 1983, exatos 41 anos atrás (Goellner, 2005; Camargos, 2020).

Mesmo com a liberação, segundo Souza (2011), o futebol feminino no Brasil só começou a se expandir efetivamente no início do século XXI, com a criação de times e competições dedicadas à modalidade feminina.

De acordo com uma pesquisa desenvolvida pela Kantar Ibope no ano de 2021, cerca de 44% dos fãs de futebol no Brasil são mulheres. E aliado a isso, a pesquisa também destacou que esse crescimento do público feminino que acompanha futebol é associado ao crescimento da busca e interesse pelo futebol de mulheres no país. Entretanto, afirma que o nicho do futebol feminino ainda é pouco explorado pela publicidade e grande mídia (Kantar Ibope, 2022).

A proibição da prática do futebol para o público feminino, até o início da década de 80, é um fato que pode até explicar os passos de “bebês” que o futebol feminino caminha no país. Porém, a criação de campeonatos próprios para as jogadoras e as transmissões das partidas em TV aberta já demonstram os avanços que vêm ocorrendo diante do esporte mais conhecido no Brasil e no mundo (Paiva, 2019; Goellner, 2021). Apesar de ainda ser um

esporte com participação majoritariamente masculina em sua prática, de forma lenta o Brasil vem mostrando que é o “país do futebol” também para meninas e mulheres que buscam a prática esportiva no futebol, e até mesmo seguir uma carreira profissional na área. Ou seja, as possibilidades de cenários a respeito da legitimação da mulher no âmbito do futebol profissional agora fazem parte de discussões sobre o futebol brasileiro e mundial (Joras, 2013; Pacheco, 2016).

Dessa forma, os avanços e conquistas do público feminino na modalidade é marcante, visível e não tem mais volta – o futebol feminino no Brasil veio para ficar de vez e a tendência é crescer ainda mais.

Contudo, ainda falta muito para que se encontre uma equidade entre os gêneros dentro da modalidade no Estado brasileiro, haja vista fatores como a exclusão das mulheres ao longo dos anos diante dos espaços esportivos “de contato”, o contexto em que essas meninas estão inseridas, a forma como o sexo feminino ainda precisa se provar capaz de praticar a modalidade e assumir o protagonismo de sua própria prática para os demais (Januário, 2017; Goellner e Kessler, 2018).

Apesar dos desafios e obstáculos, o futebol para mulheres no Brasil é uma realidade e a tendência é que ganhe cada vez mais adeptas com o passar dos anos.

Sendo o Brasil o “país do futebol”, meninas e mulheres também buscam a prática da modalidade no seu dia a dia – e até mesmo sonham em um dia alcançar a profissionalização.

Diante das expectativas que a modalidade vem trazendo para o público feminino no mundo e no país, almejar grandes resultados no futebol feminino está deixando de ser uma realidade distante para as praticantes da modalidade no Brasil.

Entretanto, é importante que o desenvolvimento da modalidade não fique restrito ao eixo Rio-São Paulo, mas que alcance os diversos estados e capitais do país.

feminino são os de peteca, péla, tenis, voley e basket-ball, sendo que este último deve ter os seus campos e tempos de duração reduzidos. Neste gênero deve ser terminantemente proibida a prática do futebol, rugby, polo e water polo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao organismo feminino”.

¹ Ata da quarta sessão ordinária do Conselho Nacional de Desportos com instruções referentes à regulamentação do art. 54 do Decreto-lei nº 3.199, de 1941, alusiva à prática esportiva por mulheres: “Desportos coletivos – os mais aconselhados para prática do sexo

O futebol feminino no Ceará não foge muito ao que foi exposto sobre a modalidade no Estado brasileiro. Apesar de o estado do Ceará ser um dos maiores estados do país e Fortaleza ser uma das capitais mais populosas do Nordeste, apenas nos últimos anos foram vistos, de fato, avanços financeiros quanto à prática feminina do futebol no Ceará. Investimentos em campeonatos, times profissionais e categorias de base sub-20 já podem ser encontrados nos grandes times da capital.

A organização de equipes femininas quanto a número ainda não é expressiva, mas o campeonato regional já conta com no mínimo quatro times que brigam pelo título no estado cearense. Sendo o Campeonato Cearense Feminino a maior competição da modalidade no estado, é possível identificar avanços e a importância que os times desempenham na preparação e divulgação das equipes femininas.

De acordo com a Federação Cearense de Futebol (FCF, 2021), o maior campeão estadual de futebol feminino é o time Caucaia Esporte Clube, que conquistou seis títulos entre os anos de 2008 e 2015 e segue obtendo bons resultados na competição nos últimos anos. Destacam-se, também, o Ceará Sporting Club, com quatro títulos, e o Fortaleza Esporte Clube, com três títulos. Como é possível identificar, um time de fora da capital detém o maior número de títulos da competição.

A mudança no futebol de mulheres cearense começou a ocorrer com a exigência prevista pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no Licenciamento de Clubes para participar do principal campeonato do futebol brasileiro: Série A.

Esse licenciamento previa que todos os 20 participantes deveriam manter um time de futebol destinado às mulheres. Dessa forma, os times cearenses Fortaleza e Ceará tiveram que se preocupar com essas novas demandas propostas pela CBF e apoiadas por entidades internacionais da área, como a CONMEBOL (Alves, 2019; Magri, 2019).

Devido a essas exigências, o investimento na modalidade feminina cresceu minimamente na capital cearense, não só a nível profissional, mas também na base. Atualmente, o campeonato estadual é mais estruturado e organizado, porém ainda está longe do ideal, comparado aos campeonatos

do centro do país. Outro avanço que pode ser observado é no Ranking Nacional de Clubes (RNC) de futebol feminino - os times femininos do estado melhoraram sua colocação na última temporada jogada.

A participação do Ceará na série A1 e do Fortaleza na série A2 do brasileirão feminino, importante competição a nível nacional para os dois times, também proporciona maior visibilidade e investimentos financeiros cada vez maiores na modalidade feminina no estado do Ceará. Propagandas em TV aberta, uniformes específicos para o time feminino e participação das jogadoras em partidas pré-jogo dos times profissionais masculinos contribuem para a identificação entre torcida e o elenco feminino dos clubes cearenses.

Isso posto, podemos afirmar que há um desenvolvimento muito importante para a modalidade no estado do Ceará, principalmente na capital.

A organização de competições e times destinados ao público feminino em Fortaleza contribui de forma direta para a divulgação do futebol de mulheres no estado e para que mais meninas e mulheres almejem fazer parte do futebol, seja como praticantes ou telespectadoras.

Assim, tendo em vista que espaços estão surgindo para a prática dessas atletas no estado, é importante sabermos quem são essas mulheres que buscam estar no meio futebol feminino.

A INICIAÇÃO ESPORTIVA DO FUTEBOL FEMININO

Estudos no âmbito da Educação Física escolar destacam a importância que as aulas de futsal têm em oportunizar a vivência para meninas que nunca tiveram a experiência com a bola nos pés, sendo, em alguns casos, o primeiro contato que o público feminino tem com uma bola de futsal/futebol apesar dessas modalidades serem tão difundidas no país (Viana, 2008; Pacheco, 2016).

Segundo Paiva (2019), a participação feminina no futsal/futebol é tardia no Brasil em relação à masculina devido a nossa própria cultura e acontecimentos históricos de restrições, e até mesmo à proibição da prática do futebol pelo sexo feminino. Por exemplo, argumentos sobre alterações fisiológicas no

corpo 'maternal' da menina que um dia seria mãe. E não precisa ir tão longe para encontrar discursos semelhantes a esse - até os dias atuais é possível escutar questionamentos sobre a busca do protagonismo de diversas meninas na prática do futsal e futebol e essa dualidade do fisiológico e biológico.

Além desses contextos que ainda estão presentes na sociedade, mesmo que em menor escala, algumas barreiras histórico-sociais, ou resquícios delas, se mostram como adversa da entrada de diversas meninas no meio do futebol. Exemplo disso é o machismo, um dos principais preconceitos que até os dias atuais é cultivado e traz um pensamento retrógrado sobre a participação da mulher em um esporte hegemonicamente masculino e sua permanência no mesmo (Gavião, Ilha e Falcão, 2018).

Perante a vivência da prática em si da modalidade pelo público feminino, o professor de Educação Física também tem um importante papel em trazer questões essenciais sobre a participação feminina no esporte e a postura dos demais diante disso. O profissional pode trazer debates para aulas, buscar diálogos com a turma sobre esses assuntos e mostrar que a mulher também pode ocupar esses espaços. Assim, coopera de forma direta para a formação de diversos alunos que estarão presentes em suas aulas (Daólio, 2003).

Desse modo, as aulas de Educação Física são muito importantes para a divulgação e iniciação das meninas no futsal e futebol. Como foi citado nos estudos acima, muitas vezes é esse o primeiro contato de meninas com a modalidade no país.

Além disso, elas têm a oportunidade de aprender em um ambiente educacional e com profissionais formados, o que tende a ser algo positivo para as primeiras experiências delas e até mesmo para a própria permanência da modalidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa tem um componente combinado de coleta e análise de dados que busca aproveitar os benefícios do estudo quantitativo e qualitativo.

Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2002), a pesquisa quantitativa tende a centralizar-se na análise da situação-problema ao separar e examinar os componentes de um

fenômeno, enquanto a pesquisa qualitativa busca compreender o significado para os participantes de uma experiência em um ambiente específico e de que maneira os componentes combinam-se para formar o todo.

Já conforme Minayo (1994), a pesquisa qualitativa é o tipo de investigação que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Entendemos que a pesquisa qualitativa e quantitativa – dita qualiquantitativa – é a que melhor se adequa ao nosso estudo, pois vamos apurar opiniões e atitudes dos participantes, utilizando instrumentos padronizados (questionários), que são utilizados quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado. Analisamos os resultados interpretando, explicando e compreendendo as percepções e os significados que esse grupo em particular atribui às suas práticas e vivências cotidianas.

A população e a amostra que investigamos em nosso estudo são as atletas de uma equipe feminina profissional de futebol no estado do Ceará. A escolha pela equipe feminina vem ao encontro do objetivo pessoal da pesquisadora, bem como a facilidade de intervenção nesse clube e equipe devido à aproximação da pesquisadora com a instituição. Com o intuito de conservar a identidade dos participantes da pesquisa serão utilizadas as siglas: (A1) para o atleta 1, (A2) para o atleta 2, (A3) para o atleta 3 e assim sucessivamente. Vinte atletas participaram da pesquisa. Os critérios de escolha das participantes foram: ser atleta da equipe feminina do clube em questão e ter disponibilidade e interesse em contribuir para a pesquisa, além de entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O instrumento utilizado foi questionário fechado, abordando temas como: frequente estádio de futebol e sofre preconceito; sofreu preconceito ao começar a jogar; locais em que esse preconceito ocorreu; e outras perguntas relacionadas à temática. Negrine (2004) define questionário como uma lista de perguntas mediante a qual são obtidas informações de um sujeito, ou grupo de sujeitos, por meio de respostas escritas. O questionário foi formatado

e teve como referência o trabalho realizado por Marques e Samulski (2009).

Quanto aos procedimentos, no primeiro momento foi realizado um estudo bibliográfico para sustentar e embasar cientificamente a pesquisa. Em seguida, foi elaborado o projeto de pesquisa e apresentado ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará: CAAE - 68439423.2.0000.5054, o qual foi aprovado conforme Parecer n. 6.039.636.

De posse da documentação, aplicamos o questionário de forma online pela plataforma digital Google Formulários. Assim, foi possível que as atletas respondessem ao questionário em seus próprios dispositivos móveis e que imediatamente tivéssemos os dados conosco após o envio das respostas.

As análises das informações foram realizadas a partir dos resultados obtidos nos questionários, tendo como referência para descrição, análise e interpretação o marco teórico da pesquisa. Para descrição e análise dos resultados foi utilizada medida de tendência central (média) e medida de variabilidade. Para as variáveis quantitativas, utilizamos a distribuição de frequência (frequência absoluta e frequência relativa), por meio do programa JAMOV. Por fim, fizemos as inferências interpretativas na construção das análises das respostas, inserindo o resultado das escolhas dos participantes, articulando-as às referências teóricas e ainda às nossas próprias percepções, procurando dar conta do nosso objeto de estudo, como indica Molina Neto e Triviños (1999), quando se trata de uma pesquisa qualitativa na Educação Física (EF).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de responder ao objetivo e aos propósitos desta pesquisa, são apresentados, a seguir, os resultados obtidos a partir das respostas ao questionário aplicado. Obtivemos 20 respostas ao todo. Todas as atletas respondentes estão de acordo com o critério da amostra.

A média de idade da equipe é de 24,8 anos, sendo que a mais nova que respondeu ao questionário tem 14 anos e a mais velha, 41 anos, demonstrando uma heterogeneidade da equipe em relação à idade.

No que se refere à origem das atletas, são oriundas de sete estados brasileiros. A maioria é do próprio estado do Ceará (oito

atletas), seguido de São Paulo com quatro atletas e do Rio de Janeiro com duas. As demais unidades federativas são representadas por uma jogadora cada: Paraná, Distrito Federal, Espírito Santo e Bahia. O time também possui uma atleta internacional. É interessante destacar que das oito jogadoras do estado do Ceará, quatro são da capital e as demais de cidades do interior – Maracanaú, Pindoretama, Ipueiras e Morada Nova.

Em relação à formação esportiva inicial, observamos que a maioria das atletas começou a jogar na rua (80%), seguido de em casa (15%) e no colégio (5%). Os dados encontrados corroboram estudos anteriores, como o de Marques (2008), que encontrou 54,8% da sua amostragem ter iniciado sua prática esportiva na rua, e de Maciel (2020), que encontrou 31,3% da sua amostra com início da prática esportiva na rua, seguido de 22,2% na escola.

Corroborando com estes dados, Oliveira (2013) encontrou que 71% dos atletas aprenderam a jogar na rua e outros 22,6% tinham aprendido a jogar em escolinhas de futebol. Apesar dos números em frequência relativa serem diferentes, os três estudos apresentam a rua como maior local de início da prática do futebol. Esses dados concordam com a pesquisa de Pires (2009), onde o futebol de rua sempre foi uma escola de formação de jogadores de futebol. Nesse espaço, as crianças jogam com os amigos por muitas horas seguidas, sem a intervenção de um treinador/professor.

Ainda nessa temática, conforme Helal e Gordon Junior (2001), o futebol - para o brasileiro - incorporou-se no imaginário coletivo do povo, tornando-se expressão da cultura e do “ser brasileiro”. Segundo Giulianotti (2002), este esporte é preferido por muitos, principalmente porque não necessita de luxo nem muito acessório. Só precisa de algumas pessoas, uma bola e um espaço. Entendemos que, apesar de culturalmente a rua ser um “espaço dos meninos”, ainda é lá, mesmo com todas as dificuldades, que as atletas participantes da nossa pesquisa começaram a dar seus ‘primeiros chutes’.

Como pode ser observado no Quadro 1, quando perguntadas sobre sua cidade possuir equipe de futebol, as respostas das participantes foram: 17 (85%) responderam que SIM e 3 (15%) responderam que NÃO. As três

jogadoras que responderam NÃO, são originárias de cidades do interior de grandes capitais, São Paulo e Fortaleza. Esses dados representam um grande avanço, pois expõem que times de futebol feminino estão ganhando espaços - as mulheres estão ganhando espaços para sua prática.

Nesse sentido, observamos que a Federação Cearense de Futebol (FCF) ampliou os investimentos em campeonatos. A organização de equipes femininas quanto a número ainda não é expressiva, mas o campeonato regional já conta com no mínimo quatro times que brigam pelo título no estado cearense. O fato de 17 atletas responderem ter equipes femininas em suas cidades pode se

relacionar com o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil.

Em 18 de setembro de 2022, 36.330 torcedores acompanharam a partida entre Internacional e Corinthians no Estádio Beira-Rio (Porto Alegre) - primeira da final do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2022. O público registrado era, até então, o recorde em um jogo de futebol feminino no Brasil. No sábado seguinte, dia do segundo confronto entre os mesmos times, na Neo Química Arena (São Paulo), uma nova marca foi estabelecida: 41.070 presentes. Isso corrobora o que enfatiza Centeno (2023), referindo-se ao que defende a professora Goellner; que para o futebol feminino acontecer faltava oportunidade.

Quadro 1 - Formação Esportiva Inicial.

| Formação esportiva | | | |
|--|--------------------|----|--------|
| Variáveis | Categorias | F | % |
| 3.1 Onde aprendeu a jogar futebol | Na rua | 16 | 80% |
| | Em casa | 3 | 15% |
| | No colégio | 1 | 5% |
| | Total | 20 | 100,00 |
| 3.2 Na sua cidade possui clube de futebol | Sim | 17 | 85% |
| | Não | 3 | 15% |
| | Total | 20 | 100,00 |
| 3.3 Na sua cidade possui equipe feminina de futebol | Sim | 17 | 85% |
| | Não | 3 | 15% |
| | Total | 20 | 100,00 |
| 3.4 Onde começou a ter treinos regulares | No clube | 10 | 50% |
| | No colégio | 3 | 15% |
| | Na escolinha | 5 | 25% |
| | No campo de várzea | 2 | 10% |
| | Total | 20 | 100,00 |
| 3.5 Antes de se vincular a um clube, praticou ou treinou outros esportes | Sim | 16 | 80% |
| | Não | 4 | 20% |
| | Total | 20 | 100,0 |
| 3.6 Se praticou outros esportes, qual(is)? *Pode marcar mais de uma opção | Basquete | 5 | 13,5% |
| | Vôlei | 3 | 8% |
| | Handebol | 2 | 5% |
| | Futsal | 15 | 40% |
| | Capoeira | 5 | 13,5% |
| | Natação | 4 | 10% |
| | Outros | 3 | 8% |

Fonte: Autoria própria (2023).

A média de idade encontrada para o começo de treinos regulares foi de 13 anos. E observando o Quadro 1, esses treinos regulares começaram em locais como: no clube (50%), na escolinha (25%), no colégio (15%) e no campo de várzea (10%). Esses resultados foram similares aos achados em outros estudos já citados (Damo, 2005; Marques, 2008; Marques e Samulski, 2009; Maciel, 2020).

Para os autores Lopes e Silva (2009), com as mudanças urbanas e sociais, as escolinhas assumiram um grande papel na formação do jogador de futebol no Brasil.

Marques e Samulski (2009) comentam que as escolinhas de futebol se proliferaram nos grandes centros urbanos, devido a questões de segurança e espaço da atual sociedade.

Um aspecto relevante é que apenas uma atleta citou a escola como local de aprendizagem no futebol. Conforme Marques (2008), o modelo de formação esportiva brasileiro difere do modelo americano, pois lá a formação esportiva acontece na escola. Esse dado da nossa pesquisa causou surpresa, pois acreditávamos que a escola fosse o espaço de iniciação e onde as meninas comessem seus treinos regulares. Mas, igualmente aos homens, as mulheres, na sua maioria, também começam em clubes os treinos cotidianos.

Em relação à prática de outros esportes, além do futebol, 16 (80%) afirmam ter praticado outra modalidade, quatro (20%) afirmam que não praticavam outra modalidade. Quando questionadas quais outras modalidades, o futsal foi o de maior expressão (40%), seguido por basquete e capoeira com (13,5%), natação (10%), vôlei (8%), handebol (5%) e outros (8%).

Os dados sobre a prática de outra modalidade vão contra o estudo de Oliveira (2013), que, em sua pesquisa com jovens das categorias de base masculina, encontrou que 64,5% não possuíam outra prática esportiva além do futebol e apenas 35,5% possuíam, sendo o futsal também a modalidade mais expressiva como outra modalidade.

O estudo de Marques (2008) também é contrário aos dados da nossa pesquisa. Em seu estudo, 68,3 % não praticaram ou treinaram outros esportes antes de se associarem a um clube de futebol, confirmando a monocultura do futebol na iniciação esportiva para o público masculino. Estes dados legitimam o estudo de Balzano (2020), no qual afirma que no Brasil os meninos buscam desde cedo a prática do futebol, pelo fato de ser o esporte mais popular e prestigiado no cenário nacional e por este despertar no imaginário destes jovens - grande maioria de classes menos favorecidas - o mito da ascensão social por meio do futebol.

Quadro 2 - Formação Esportiva Inicial.

| Variáveis | Categorias | F | % |
|--|-----------------------------|----|--------|
| 4.1 Quem lhe ensinou a jogar futebol | Uma pessoa da minha família | 6 | 30% |
| | Meu técnico | 4 | 20% |
| | Meus amigos | 2 | 10% |
| | Aprendi sozinha | 8 | 40% |
| | Total | 20 | 100,00 |
| 4.2 Antes de começar a jogar futebol, você jogou futsal ou fut 7 | Não | 3 | 15% |
| | Sim, Futsal | 12 | 60% |
| | Sim, fut7 | 1 | 5% |
| | Sim, futsal e fut7 | 4 | 20% |
| | Total | 20 | 100,00 |
| 4.3. Quem mais lhe motivou a continuar jogando futebol | Uma pessoa da minha família | 12 | 60% |
| | Meu técnico | 2 | 10% |
| | Meus amigos | 2 | 10% |
| | Eu mesma | 4 | 20% |
| | Total | 20 | 100,00 |

| | | | |
|--|-------|----|-------|
| 4.4 Você ou sua família já assinaram algum termo de compromisso com algum empresário, agente ou procurador | Sim | 12 | 60% |
| | Não | 8 | 40% |
| | Total | 20 | 100,0 |

Fonte: Autoria própria (2023).

Acreditamos que a diferença entre a mulher ter praticado outras modalidades, para além do futebol, em relação aos homens, parte das oportunidades de prática na escola - em grande parte das aulas de Educação Física os meninos jogam futebol e as meninas praticam outras modalidades.

Neste sentido, Silva e Campos (2014) apontam que comumente vemos, nas escolas, as quadras de futebol serem entregues aos meninos, enquanto às meninas é reservado um espaço periférico para jogarem queimada, vôlei ou qualquer outra modalidade. Isso quando não são convidadas a assistirem aos jogos dos meninos e fazerem parte da torcida durante as aulas de Educação Física.

Observando o Quadro 2, a maioria das atletas atribui mérito próprio ao serem questionadas quem lhes ensinou a jogar, seguido de uma pessoa da família, o técnico e amigos. O mesmo é observado nos demais estudos já citados aqui, aproximando os gêneros quanto ao ensino da modalidade.

No estudo de Oliveira (2017), com 52 jovens que faziam parte de categorias de base sub-17 de clubes de futebol da cidade de Fortaleza, também foi achado que a maioria dos jovens (38,5%) associava mérito próprio ao serem questionados “Quem lhe ensinou a jogar?”. Os demais resultados da pesquisa foram: 32,7% uma pessoa da minha família, 17,3% meu técnico, 7,7% meus amigos e 3,8% meu professor. Os dados são similares aos achados da nossa pesquisa, visto que apesar da forma relativa não apresentarem a mesma porcentagem, estão distribuídos na mesma sequência pela amostragem.

Também em estudos anteriores, como de Marques e Samulski (2009), que tiveram como amostragem 186 atletas que faziam parte de categorias sub-20 de clubes de futebol de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, foi achado que 47% deles associam mérito próprio ao aprendizado do futebol, seguido de um membro da família com 30,8%, só 13,5% estão associados a um professor ou técnico e 5,9% aos amigos. Assim como no nosso estudo, prevalece o mérito próprio e a de algum

membro da família, sendo o professor/técnico uma representatividade ainda muito baixa. Isso pode ser devido ao fato de a modalidade ser bastante expressiva no Brasil e muitas vezes o primeiro esporte que crianças têm contato, ainda em forma de brincadeiras em momentos de recreação e lazer. Como foi citado anteriormente, não é preciso muito para jogar futebol, basta uma bola e o espaço.

Quando perguntadas sobre terem jogado futsal e/ou fut 7, como já foi visto no quadro anterior, a maioria jogava somente futsal (60%), 20% jogavam futsal e fut 7, 5% jogavam apenas fut 7 e 15% não praticava nenhuma das modalidades. É um dado interessante, pois podemos ver a iniciação da maioria das jogadoras que fazem parte de um time profissional de futebol na modalidade do futsal. Isso expõe o futsal não só como uma importante parte da prática de iniciação de crianças e jovens nos anos iniciais, mas como parte do processo de entrada de várias no futebol para alcançar a tão almejada profissionalização no futebol.

De acordo com Balzano, Lopes e Bandeira (2011), para o jogador de futebol brasileiro a modalidade do futsal é uma ferramenta importante para sua formação como jogador. Sendo o futsal muitas vezes a modalidade oferecida nas aulas de Educação Física, em escolinhas e clubes de futebol.

Na linha da importância do futsal na formação para o futebol, Balzano, Lunardelli e Basso (2020) trazem a ideia do futsal ser um grande aliado na formação de atletas para o futebol, pois nessa modalidade desenvolvem-se aspectos importantes como: maior participação do jogo, melhoria da técnica, melhoria da tática individual e melhoria na tática coletiva.

Como foi observado, no nosso estudo 80% das atletas praticavam futsal, 60% apenas o futsal, número bastante expressivo que foi visto em outros estudos também. No estudo de Marques e Samulski (2009), 80,6% praticavam futsal em equipes ou escolinhas, número bastante similar ao do nosso estudo. Também no estudo de Oliveira (2013), que teve como

amostragem 31 atletas que faziam parte da categoria sub-17 de duas equipes de futebol na cidade de Fortaleza, aparece o futsal como mais expressivo como outra modalidade mais praticada além do futebol.

Em efeito, constatamos que a importância do futsal como modalidade de formação para o futebol se encontra em todo território nacional e nas diferentes categorias de base dos clubes de futebol, não somente na cidade de Fortaleza.

Além disso, verificamos também que os dados a respeito dessa variável são similares para o público feminino, visto que nosso estudo, diferente dos citados, tem como amostragem mulheres.

Vale ressaltar que o futsal feminino brasileiro possui números bastante expressivos – a seleção brasileira de futsal feminino é hexacampeã do Torneio Mundial de Futsal Feminino (Martins e colaboradores, 2018). Recentemente a seleção brasileira de futsal feminino foi campeã do 1º Torneio Internacional em Xanxerê/Futsal Nations Cup, além de contar no elenco com a atleta Amandinha, eleita oito vezes a melhor do mundo no futsal. (CBF, 2023).

A respeito de quem mais motivou para continuar jogando, os achados foram: 12 (60%) uma pessoa da família, quatro (20%) motivação da própria atleta, duas (10%) técnico e duas (10%) amigos. Esses resultados corroboram outras pesquisas já realizadas. O estudo de Maciel (2020), que teve como amostragem 99 atletas de futsal profissional, encontrou que 43,4% do apoio era vindo dos pais das jogadoras. A autora ainda verificou que esse apoio era principalmente na fase inicial da prática esportiva (92,9%) e classificou o mesmo como ótimo (69,7%).

Os dados encontrados são interessantes, pois têm como amostragem o público feminino, assim como nosso estudo. Também é possível observar que as atletas recebem um maior apoio de membros da própria família, ou seja, de dentro de casa.

No estudo de Martins e colaboradores (2018), que teve como amostragem 69 atletas de futsal feminino de diversas seleções sul-americanas, também verificamos a participação da família como apoio primário na percepção das atletas, com 50,7%. Os resultados seguintes foram: amigos com 13% e técnico com 4,3%. De acordo com os autores, esse

apoio familiar vai além do incentivo a modalidade, contempla um conjunto de atividades que favorecem a permanência das atletas na prática esportiva.

Para Vissoci e colaboradores (2013), o apoio da família das atletas está diretamente relacionado à forma como elas lidam com a prática esportiva e a sua adesão, continuidade e envolvimento com a modalidade. Assim, para alcançar o time principal de uma equipe de futebol no Brasil precisa de muito apoio, e para uma mulher esse apoio é ainda mais essencial, principalmente se vindo da família. Como foi observado em nosso estudo, 60% das jogadoras contam com esse apoio familiar.

Ainda nesse contexto, Balzano (2020) considera que a família, como ambiente social primário, apresenta um importante papel no auxílio, decisão, crença e atitudes em relação à formação que deseja para seus filhos, tendo em vista que a família, muitas vezes, subsidia todos os sacrifícios que esses jovens fazem para entrar nesse mercado.

Sobre termos de compromisso, 12 (60%) já assinaram algum termo com algum empresário, agente ou procurador, e oito (40%) não assinaram. Os resultados são similares aos achados por Marques (2008), em que 75,5% já assinaram algum termo de compromisso. Os 40% que não assinaram ainda podem ser explicados pelo fato da Lei Pelé, de 1998, trazer nas regras de profissionalização de jogadores de futebol, que o primeiro contrato seja assinado somente a partir dos 16 anos de idade. Assim, apesar de fazerem parte do elenco principal de um time de futebol que disputa o campeonato principal, talvez pela idade que possuem alguns atletas ainda não têm esse vínculo com a instituição.

No estudo de Marques e Samulski (2009) foram observados dados semelhantes aos achados em nosso estudo. Segundo os autores, 88,2% da amostragem pesquisada já assinaram algum contrato profissional e 75,5% já assinaram algum termo de compromisso com algum empresário, agente ou procurador. Os dados são interessantes, pois expõem situação parecida de um elenco profissional de um time de futebol profissional, que disputa o principal campeonato da modalidade para mulheres, com a situação de categorias de base para o público masculino.

Em relação aos testes feitos, 10 (50%) atletas afirmam ter feito apenas um teste na

carreira, seis (30%) fizeram dois testes na carreira, duas (10%) atletas fizeram três testes e apenas duas (10%) não fizeram nenhum teste. Essas que não fizeram testes são originárias da própria categoria de base sub-20 do clube. Esses resultados vão de encontro ao estudo de Marques (2008), que encontrou dados de alguns atletas que realizaram até 10 testes antes de serem aceitos nos seus clubes. Devido à iniciação precoce do público masculino na prática esportiva do futebol, é possível notar não só essa monocultura da modalidade em relação às demais, como a frequente realização de testes avaliativos (peneiras) para fazer parte de algum clube, visando a profissionalização no futuro (Soares e colaboradores, 2010).

Diferente ainda ocorre com o público feminino. Como ainda é muito recente a profissionalização do futebol de mulheres, não há muitos clubes com categorias de base além da sub-20 para elas realizarem testes avaliativos. Assim, a entrada é com elencos sub-20 e/ou até mesmo direto no profissional, ou seja, ainda participam de menos peneiras que os meninos.

CONCLUSÃO

A atleta de futebol brasileira e cearense ainda corre em busca de marcar o gol para conquistar o espaço das mulheres no futebol.

Como visto no estudo, o Brasil é conhecido como 'país do futebol', mas também precisa que esse status alcance o futebol de mulheres.

Em relação à formação esportiva, observamos que de forma expressiva as atletas começaram a jogar bola na rua, seguido de em casa e no colégio.

Começaram a ter treinos regulares da modalidade em clubes de futebol (50%) e em escolinhas (25%).

As demais (25%) afirmam terem começado a ter treinos regulares no colégio e em campos de várzea.

Também em relação à prática esportiva, 80% afirmam terem praticado outro esporte além do futebol, sendo o mais expressivo o futsal.

Esse dado é interessante, pois destaca o futsal como uma metodologia de iniciação para o futebol no Brasil, atestando a relevância

de atletas profissionais terem passado pela modalidade.

Ainda na formação esportiva, 40% das jogadoras atribuem mérito próprio para o ensino da modalidade futebol e 60% delas atribuem maior apoio/motivação em relação à prática a um membro da família, como os pais.

O futebol de mulheres vem conquistando seu espaço de forma lenta nos clubes, nos veículos de comunicação e nos debates sobre a modalidade. As conquistas do público feminino são marcantes e a tendência é que isso cresça ainda mais e siga em direção à busca pela equidade entre os gêneros dentro do esporte. Para isso, como sociedade atuante, precisamos fazer nossa parte: proporcionar ambientes em que as mulheres assumam seu protagonismo dentro da sua própria prática esportiva.

Considerando os resultados obtidos neste estudo, concluímos que, apesar dos avanços constatados, o futebol de mulheres ainda tem muito a melhorar, principalmente se comparado às condições do futebol masculino.

E para além disso, os achados desta pesquisa podem ser utilizados por órgãos responsáveis pela modalidade a fim de estimular a presença de novas gerações no esporte, visando o crescimento e aperfeiçoamento da modalidade no estado do Ceará e até no país.

REFERÊNCIAS

1-Alves, C. Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019. Site GE Globo/Recife – Futebol, 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 23/05/2023.

2-Balzano, O.N. O ensino do futebol na perspectiva decolonial: desgastando a produção de sujeitos “pés de obra” - da formação na educação superior aos clubes de futebol. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação. Universidade La Salle. Canoas-RS. 2020.

3-Balzano, O.N.; Lopes, I.E.; Bandeira, A.S. Proposta de treinamento integrado de futsal e futebol, na formação desportiva do atleta de futebol de campo na categoria sub 11 anos.

EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año. 16. Num. 159. 2011.

4-Balzano, O.N.; Lunardelli, E.; Basso, E. DOIS-UM Brasil um método genuinamente brasileiro no ensino do futsal e futebol. Várzea Paulista-SP: Fontoura. 2020.

5-Barreira, J.; Gonçalves, M.C.R.; Medeiros, D.C.C.; Galatti, L.R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. Movimento, Porto Alegre. Vol. 24. Num. 2. 2018. p. 607-618. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.80030>.

6-Camargos, W. Em homenagem à luta das mulheres, a íntegra da norma que proibiu o futebol feminino por 40 anos no Brasil. Site Leia em campo. 2020. Disponível em: <https://leiemcampo.com.br/em-homenagem-a-luta-das-mulheres-a-integra-da-norma-que-proibiu-o-futebol-feminino-por-40-anos-no-brasil/>. Acesso em: 12/04/2022.

7-CBF. Confederação Brasileira de Futebol. Seleção Feminina de Futsal é campeã do 1º Torneio Internacional de Xanxerê. 15/3/2023. Disponível em: Seleção Feminina de Futsal é campeã do 1º Torneio Internacional de Xanxerê - Confederação Brasileira de Futebol (cbf.com.br). Acesso: 02/09/2023.

8-Centeno, M.C. Recordes de público do futebol feminino exemplificam avanços da modalidade no Brasil. Jornal da Universidade. Secretaria de Comunicação Social/UFRGS, Porto Alegre, 2023. Disponível em: Recordes de público do futebol feminino exemplificam avanços da modalidade no Brasil - UFRGS - Jornal da Universidade. Acesso em: 02/07/2023.

9-Damo, A.S. Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese em Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005.

10-Daólio, J. Cultura: educação física e futebol. 2ª edição. Campinas. UICAMP. 2003.

11-FCF. Federação Cearense de Futebol. FCF sobe para terceiro no ranking feminino da CBF, 2021. Disponível em: FCF sobe para terceiro no ranking feminino da CBF - Federação Catarinense de Futebol. Acesso em: 02/03/2023.

12-Gavião, P.C.S.; Ilha, P.V.; Falcão, C.P. Adesão, permanência e barreiras percebidas na prática do Futebol Feminino. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 10. Num. 40. 2018. p. 550-556. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/622>

13-Giulianotti, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo. Nova Alexandria. 2002.

14-Goellner, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 19. Num. 2. 2005. p. 143-151. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005>.

15-Goellner, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistência e resiliência. Movimento, Porto Alegre. Vol. 27. 2021. p. e 27001. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>

16-Goellner, S.V.; Kessler, C.S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. Revista USP. São Paulo. Num. 117. 2018. p. 31-38.

17-Helal, R.; Gordon Junior, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: Helal, R.; Soares, A. J. G.; Lovisolo, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro. Mauad. 2001.

18-Januário, S.B. "Marta Em Notícia: A (in)visibilidade Do Futebol Feminino No Brasil." FuLiA / UFMG 1.2, 2017: 28. Web. <https://doi.org/10.17851/2526-4494.2.1.28-43>

19-Joras, P. S. Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola. Seminário

Internacional Fazendo Gênero 10. Anais eletrônicos [...]. Florianópolis. 2013.

20-Kantar Ibope. Mulheres já são 44% entre fãs de futebol no Brasil. Site Máquina do Esporte. 2022.

21-Lopes, A.A.S.M.; Silva, S.A.P.S. Método integrado do ensino no futebol. São Paulo. Phorte. 2009.

22-Maciel, B.M. Análise da trajetória profissional de jogadoras de futsal brasileiras que atuam no Brasil e na Itália. TCC. Bacharelado em Educação Física. Universidade de Caxias do Sul. 2020.

23-Magri, D. Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019. Site El País. 2019.

24-Marques, M.P. Análise da transição de carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional. Dissertação de Mestrado em Ciências do Esporte. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

25-Marques, M.P.; Samulski, D.M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sociofamiliar e planejamento da carreira. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 23. Num. 2. 2009. p. 103-19.

26-Martins, M.Z.; Medeiros, D.C.C.; Reis, H.H.B.; Castellani, R.M.; Santana, W.C.; Altmann, H. Futsal feminino: indicadores do ambiente de formação de atletas da seleção brasileira. Rev. Motrivivência. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e81073>.

27-Minayo, M.C.S. O desafio do conhecimento. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO. 1994.

28-Molina Neto, V.; Triviños, A.N.S. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Porto Alegre. UFRGS/Sulina. 1999.

29-Negrine, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: Molina Neto, V.; Triviños, A.N.S. A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. 2ª edição. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2004.

30-Oliveira, E.M. O perfil dos atletas em transição da fase amadora para a fase profissional, das equipes de futebol da cidade de Fortaleza, sobre a relação escola e futebol. TCC. Instituto de Educação Física e Esportes. Universidade Federal do Ceará. 2013.

31-Oliveira, E.M. O perfil social e escolar dos atletas da categoria Sub 17 das equipes de futebol da cidade de Fortaleza. Dissertação (Especialização em Educação Física Escolar – Centro de Ciências da Saúde). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2017.

32-Pacheco, R.P.P. O perfil esportivo das atletas do futsal feminino da Universidade Federal do Ceará-UFC. TCC. Instituto de Educação Física e Esportes. Universidade Federal do Ceará. 2016.

33-Paiva, A.R.M. Teoria da autodeterminação: compreensão dos fatores motivacionais de meninas praticantes de futsal em escolas de Fortaleza. TCC. Instituto de Educação Física e Esportes. Universidade Federal do Ceará. 2019.

34-Pires, B.A importância do Futebol de Rua na formação de jogadores de futebol de excelência. Monografia (Licenciatura em Desporto e Educação Física - Futebol da Faculdade de Desporto. Universidade do Porto. Portugal. 2009.

35-Pires, B.S.; Carvalho, C.A. Craques da resistência: o futebol feminino em São Luís, Maranhão. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. Vol. 9. Num. 2. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v9i2.10109>.

36-Salvini, L.; Marchi Júnior, W. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 30. Num. 2. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200303>.

37-Silva, S.R.; Campos, P.A.F. Futebol e a Educação Física na escola: possibilidades de uma relação educativa. *Revista Cienc. Cult.* Vol. 66. Num. 2. 2014.

38-Soares, A.J.G.; Bartholo, T.L.; Melo, L.B.S.; Rocha, H.P.A. Mercado do futebol, juventude e escola. In: *Perspectiva Capiara: Revista de pesquisa, ensino e extensão do CAP-UFRJ / Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Ano 5. Num. 7. 2010.

39-Souza, M.M. Futsal também é coisa de mulher: por que será que elas o praticam? TCC. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011.

40-Thomas, J.R.; Nelson, J.K.; Silverman, S.J. Métodos de pesquisa em atividade física. 3ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2002.

41-Viana, A.E.S. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. *Conexões*. Vol. 6. 2008. p. 640–648. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v6i0.8637864>.

42-Vissoci, J.R.N.; Fiordelize, S.S.; Oliveira, L.P.; Nascimento Junior, J.R.A. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*. Vol. 15. Num. 1. 2013. p. 145-156.

Recebido para publicação em 14/05/2024
Aceito em 11/09/2024